

## NARRATIVA IMAGÉTICA: A CIÊNCIA COM PRAZER

Prof<sup>a</sup>. Josimey Costa da Silva\*

Construir uma nova estética do texto científico a partir de florações do imaginário em estado mais ou menos bruto, pulsante ainda. Parece uma tarefa fácil? Sim, se estamos no campo das técnicas profissionais da comunicação social, como é o caso do jornalismo. Sim, novamente, se apenas estamos lendo um texto de Gaston Bachelard, o mago teórico das imagens mentais. E não, se o que se deseja é tentar traduzir, em linguagem verbal, uma nova narrativa para a ciência.

Ao contrário do que é usual para as ciências ditas “humanas”, a narrativa imagética não está estruturada primordialmente no texto verbal. O tratamento verbal, nessa nova narrativa, é justaposto, complementar. O verbal, às vezes, chega a ser contrastante com os demais elementos expressivos do texto. Texto, evidentemente, num sentido muito amplo. Às vezes, o verbal está até mesmo ausente do texto.

Não se trata, aqui, da produção de um vídeo-documentário destinado à “divulgação científica”, o que é comum, ou de fotografias que comprovam uma teoria verbalmente expressa ou formulada matematicamente, muito menos de ilustrações que complementam uma experiência empírica descrita segundo todos os parâmetros metodológicos aceitos. Trata-se de construir hipóteses com a imagem, de “escrever” a ciência através da metáfora e, o que é mais divertido, de deixar mudos os argüidores, não apenas porque não dominam o código, mas porque a imagem, num primeiro momento, suplanta mesmo a palavra.

Aí está: ciência não tem que ser algo sisudo, mal-humorado e compenetrado demais. A seriedade não significa nem falta de humor, nem falta de prazer. Fazer ciência pode e deve ser muito divertido. Afinal, é o exercício adulto da curiosidade infantil, satisfeita, na criança, na extrema seriedade da brincadeira. A tradução do mundo em imagens é característica da primeira infância; há, na literatura e na arte, toda a riqueza cultural da humanidade, mas também a criatividade e a inovação de toda descoberta do mundo. Há emoção. Por que a ciência não pode ter tudo isso?

É preciso tentar quebrar as amarras que um texto científico objetivo, preponderantemente conceitual, impõe à expressão do pensamento. Como traduzir uma emoção, por mais tênue, por mais breve que ela possa ter sido? Por outro lado, como extirpar o mínimo traço das emoções que pontuam qualquer ação humana, inclusive a mais científica? E o que é realmente muito angustiante: como dar pelo menos um fio de vazão aos oceanos que inundam o imaginário e que fundamentam nosso ser no mundo?

Certamente, estas palavras não espelham toda a inquietação de quem se aventura por esse caminho frente tantas questões. Mas a metáfora dos oceanos que vazam por um fio muito provavelmente terá despertado, em você, imagens que se irmanam com as minhas próprias. E as palavras que eu usei ou que você possa usar para repetir a experiência certamente serão sempre demasiadamente pobres.

As imagens são a base da nova narrativa que está sendo proposta. Imagens-metáforas nos textos verbais. Imagens óticas noutra tipo de elaboração. Imagens que se comunicam diretamente com imagens, que produzem outras imagens, puramente mentais. Essa é uma narrativa que busca configurar a própria experiência da abertura que a imaginação representa para o espírito humano. Mas é preciso encher a imaginação de imagens para poder viver diretamente a imagem. Se você se interessou pelo que estou propondo, ouça agora uma música inspiradora. A música é sempre um bom começo.

\* Jornalista, mestre em Ciências Sociais e professora de Telejornalismo e Comunicação Cinematográfica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.